

## Desenhar para entender

**Lúcia Antunes**

luciaantunes@gmail.com

www.luciaantunes.com

Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa

Desde que o homem existe que a necessidade de representar o que nos rodeia está presente e os animais são provavelmente a primeira representação figurativa que enquanto humanidade criámos.

Na caverna de Chauvet em França, cujas representações datam no Paleolítico Superior (cerca de 30.000 anos), foram catalogados à volta de 400 pinturas de animais. Leões, panteras, aves, rinocerontes, cavalos, bovinos e veados, num total de 13 espécies descritas, algumas das quais nunca observadas em outros locais semelhantes.

Mas porque seremos afinal tão fascinados pelos animais?

As pinturas rupestres eram usadas para contar histórias, retratar factos, expressar ideias e mostrar conceitos que de outra forma não seria fácil de descrever ou transmitir. O homem da pré-história utilizou a representação em desenhos para demonstrar o seu quotidiano, a fauna e a flora que os rodeavam, usando os materiais e meios que tinha à sua disposição, desde pigmentos naturais a pó de carvão. A representação animal teria muito provavelmente um carácter ritualista relacionado com a caçada, e o poder que os animais tinham como meio de subsistência humana.

O nosso impulso para desenhar animais não mudou e apesar dos meios que usamos para os representar terem mudado, o registo da história humana incluiu sempre o registo dos animais e é testemunho do papel que foram ocupando ao longo do tempo.

Desde os estudos anatómicos de Leonardo da Vinci aos magníficos desenhos de Albrecht Dürer até aos registos ilustrados para as publicações de Darwin, o desenho e a ilustração têm sido, ao longo do tempo, usados como meio de investigação científica e comunicação do mundo natural e dos animais que o povoam.

Até ao século XV, a maior parte das descrições da natureza estavam presentes em iluminuras medievais em que a representação tinha geralmente um cunho religioso, mitológico e fantástico. As descrições destes animais eram feitas verbalmente a quem as ia desenhar, por vezes em segunda ou terceira mão de forma que quem as descrevia nunca tinha visto sequer o animal em questão. Eram interpretações de interpretações e até ao desenvolvimento da ciência, quando se universalizou um conhecimento mais rigoroso do mundo natural, acreditava-se que as histórias e animais catalogados nos bestiários medievais eram reais.

A transição do século XV para o XVI e XVII trouxe uma explosão no conhecimento do mundo, com a corrida às classificações e descrições de novas espécies de animais totalmente desconhecidos que eram descobertas com origem tanto no Velho Mundo como no Novo. O desafio enfrentado pelos exploradores era a descoberta e o relato de

um mundo natural totalmente novo para a sociedade europeia da época, utilizando como técnicas de registo o desenho e a cor. A descoberta de uma nova natureza encontrou na imprensa e nas técnicas da perspectiva um meio adequado à sua difusão pelo mundo europeu, que assim partilharia as viagens dos exploradores.

Já longe destas suas origens o papel do desenho continua a ser vital. A ilustração, sobretudo a científica, é muito importante para o conhecimento de qualquer animal, seja pelo conhecimento sobre o mesmo que passa para quem observa a ilustração, seja para o próprio ilustrador que aprende o seu modelo de uma forma íntima. Quando se desenha um animal dificilmente se esquece o seu nome científico e as suas características mais específicas. Aprendemos o animal desenhando-o e a relação que se forma com um animal que desenhamos é duradoura, ele deixa de ser meramente um modelo e passa a ser parte do nosso conhecimento.

Trata-se de olhar para um animal com entusiasmo e permitir-nos sermos maravilhados pelo que vemos, pelo que descobrimos. Não assumirmos que conhecemos o animal que estamos a ver, mas olhar para ele como se o estivéssemos a ver pela primeira vez, sem ideias pré-concebidas sobre as suas formas, cores e características. Pomo-nos no papel dos exploradores do século XVI e XVII e vemos o animal pela primeira vez e então registamos. A criação de um desenho correcto requer uma abordagem sistemática, obriga a uma observação cuidada e a abertura a imprevistos.

O desenho força-nos, portanto, a observar e não meramente a ver. O acto de passar do que vemos para a tentativa de o registar em papel leva-nos a examinar o mais ínfimo pormenor do que temos à nossa frente. Ou seja, para podermos realmente registar o que observamos somos obrigados a ter atenção a pormenores que à partida parecem não ter qualquer interesse. E o que nos parece ter interesse é muitas vezes relativo. Da mesma forma que nos leva a observar com mais atenção, o processo de desenhar pode revelar aspectos inesperados num modelo.

Numa ilustração científica não há espaço para uma generalidade, as linhas desenhadas transmitem formas específicas e só quando as tentamos temos noção do que estamos mesmo a observar. Quando fazemos desenho de campo, no local com um animal à nossa frente, somos capazes de retirar a informação necessária de uma forma crítica. Este desenho de compreensão é basilar na construção de qualquer ilustração científica. Pode ser tão complexo ou tão simples quando se queira, mas permite-nos reter a informação observada de uma forma muito eficaz e ajuda-nos a interpretar outras referências do mesmo animal, sejam elas escritas ou fotografadas.

A parte inicial de qualquer ilustração passa pelo processo de pesquisa de referências e de recolha do máximo de informação sobre o animal que vamos desenhar. Essa informação é-nos externa, vemo-la e retiramos dela a informação apreendida por outros. É vital, mas ao mesmo tempo insuficiente. São interpretações feitas por outrem, mas que quando combinadas com as nossas próprias observações nos revelam o retrato do animal.

Hoje em dia apesar de temos ao nosso dispor a fotografia, as modelações tridimensionais e mais um inúmero meio de registo para documentar o mundo natural, o

desenho continua a ser relevante. Um não retira lugar ao outro, mas sim complementam-se e elevam-se.

No registo desenhado de qualquer animal é sempre preferível ter-se a oportunidade de se fazer o registo de um modelo ao vivo, mas quando tal não é possível o registo fotográfico à priori é importantíssimo. Sendo uma ferramenta valiosa e que nunca dispenso, revela-se por vezes traiçoeira. No entusiasmo de fotografar todas as partes do animal, em todos os ângulos e escalas que nos seja possível, no momento de começar a desenhar, é uma quase certeza que nos vai faltar algo de vital importância. Um pormenor da concha não ficou focado, faltou uma parte da cauda da ave, a proporção ficou distorcida... O recurso exclusivo à fotografia dá-nos um falso sentimento de segurança. Regista o animal, mas nem sempre nos explica.

É importante ter em conta que nem só de representações de morfologia externa é feita a representação ilustrada de um animal. A ilustração transporta-nos muitas vezes para o inobservável, desde as moléculas à anatomia interna de um animal, de cortes laterais a reconstruções de animais extintos acompanhando as descobertas e inovações da ciência. A ilustração científica é vital para a diferenciação de espécies, com impactos não só para a conservação da natureza, mas também a nível comercial. Num espectro paralelo, as ilustrações de vida selvagem, com uma abordagem menos sujeita a canones científicos de representação, tendem a focar-se mais em questões comportamentais de um animal e às suas interações com o seu habitat. A função e missão desta abordagem prende-se muitas vezes com a divulgação de espécies ameaçadas ou simplesmente para partilhar a beleza das criaturas do mundo natural.

Seja qual for a abordagem, técnica e finalidade pretendida, o desenho e a ilustração científica têm a capacidade de criar um retrato de um animal, não só pela sua representação literal, mas através da passagem de conceitos. Não se trata somente de passar para o observador formas específicas de um animal; se bem executada, uma ilustração conseguirá transmitir também o amor pelo modelo e pelo desenho.

#### **Referências Bibliográficas:**

Hodges, Elaine R. S. (Ed.) (2003). *The guild handbook of scientific illustration*. John Wiley & Sons, Inc. 623p.

Leslie, C. W. (1980), *Nature Drawing: a tool for learning*, Prentice-Hall, 206p.

Canfield, Michael R. (Ed.) (2011) *Field Notes on Science & Nature*, Harvard University Press, 297p.